

A Revolução Russa e o Século Soviético

As conquistas sociais e as bases económicas

14.05.2008

Sérgio Ribeiro

1º “Guião”

Agradeço o convite, que muito me honra, e relevo a responsabilidade sentida. Saúdo, calorosamente, a associação, que sucede a uma outra que não podia acabar.

1.1. Apologética, neutralidade e objectividade

Considero da maior oportunidade tratar-se deste tema, e reconheço-lhe (e atemoriza-me) a sua importância.

Até porque não quero fazer, desta participação, uma apologética. Mas, também, recuso a postura – falsa – de uma pretendida neutralidade sob o manto de uma impostora objectividade.

Por outro lado, saliento que, no título, “o século soviético” já corresponde a uma tomada de posição. Escolha que, evidentemente, minha não foi mas que adopto e me estimula.

1.2. A ilusão das estatísticas e do “nº. certo”

Nestas palavras introdutórias, de definição, recuso a artimanha de me esconder atrás da ilusão das estatísticas e do número certo para mimar essa tal objectividade. O que não quer dizer que não venha a usar alguns números em apoio.

Mas não serão, nunca,... números certos!

Tudo será tópicos para debate e reflexão em título específico que julgo melhor arrumado:

As bases económicas, a necessidade e condições de mudança na Rússia. Conquistas sociais. O percurso.

1.3. Como era o mundo no virar do séc.xix para o séc.xx

No final do século XIX, na viragem para o século XX, vê-se, a esta distância, que alguma coisa tinha de acontecer. Se calhar, como sempre se vê... depois de acontecer.

Numa outra linguagem, bem nascida nessa segunda metade de século, tinha havido tantas mudanças na base material, nas forças produtivas e nas relações de produção, que um salto qualitativo teria de se verificar. Uma ruptura.

O capitalismo expandira-se. Em Viena tinham-se ajustado impérios.

2.1. ... e antes?, do séc.xviii para o séc.xix

Aliás, o século XIX foi, todo ele, um século em mudança. Desde a revolução francesa, com que terminara o século XVIII (desconte-se embora o eurocentrismo de que todas estas análises enfermam...) Foi um século de nascimento e de “arrumação” do capitalismo, enquanto modo de produção e sistema, e da luta de classes a partir do capital como relação social.

2.2. Revolução francesa, “revoluções” de 1848, *Manifesto do Partido Comunista*, a “Comuna”, *O Capital*

Se na Revolução Francesa, a burguesia apareceu como classe social dominante, criou, no seu bojo, o proletariado.

Ao longo do século XIX, a luta de classes tomou outra configuração e eclodiram formas violentas, revolucionárias, na Europa em 1848, e a **Comuna**, em 1871, foi facto histórico da maior relevância.

Em 1848 fora publicado o *Manifesto do Partido Comunista* e a produção intelectual sobre que se conformaria o marxismo tomou a expressão maior com *O Capital* (1º livro em 1867).

2.3. O império russo

No novo quadro internacional, em que a reunificação da Alemanha e da Itália colocaram fim ao período napoleónico, ao nível da superestrutura, a Rússia Czarista emergia de uma forma muito particular: trata-se de um país ou de um império contínuo geograficamente?; é um espaço económico em crescimento ou atávico e subdesenvolvido?; que área continental predomina, Europa ou Ásia?

3.1. O anti-czarismo, a “revolução” de 1905

A estas questões soma-se, na Rússia, uma estrutura social muito complexa, de difícil identificação no quadro das classes sociais que definem o capitalismo.

Parecia existir um poder absoluto, protagonizado pelo czar, uma classe dirigente, a nobreza, um capital estrangeiro que se infiltrava e substituía uma incipiente burguesia nacional. No entanto, muito parecia convergir num anti-czarismo, de que terá sido expressão a “revolução de 1905”.

E havia um enorme campesinato e haveria uma classe operária nascente.

3.2. A situação em 1914 e a guerra

Em 1914, o “império russo” estendia-se por dois continentes, com perto de 22 milhões de quilómetros quadrados (Portugal tem pouco mais de 90 mil e o conjunto dos Estados membros da actual União Europeia pouco passa dos 4 milhões de quilómetros quadrados) e tinha uma população de perto de 175 milhões de habitantes, observando uma forte natalidade e também uma elevada mortalidade.

85% dessa população vivia no campo, num tipo de agricultura com enorme atraso na utilização de meios de produção, coexistindo a propriedade individual na posse dos nobres, dos burgueses e da corte, com uma sobrevivente parcela de propriedade fundiária de tipo medieval, colectiva comunal, *mir*.

Eram cerca de 85 milhões os camponeses pobres. Que sofriam-se fomes periódicas em país exportador de cereais.

Tal como na guerra russo-japonesa de 1905, para a 1ª guerra mundial, de 1914, os camponeses foram arrebanhados como soldados.

3.3. Uma “ilhota” de indústria concentrada e de proletariado, num enorme “mar” de campesinato

No entanto, neste “império”, havia, no começo do século uma grande indústria capitalista e, assim, um proletariado.

Entre 1890 e 1900 verificou-se um rápido crescimento da indústria, que desacelerou na década seguinte, para retomar o seu crescimento acelerado até à guerra de 1914-18.

Em valores absolutos, estima-se que a Rússia fosse a 5ª potência industrial do mundo.

Mas metade, ou mais, dos investimentos provinham do estrangeiro, tornando a Rússia uma espécie de colônia, com origem dos capitais em França, na Grã-Bretanha, na Alemanha, na Bélgica.

Por outro lado, o sector industrial estava extremamente concentrado (empresarial e geograficamente), havendo números a apontar para 157 operários por empresa em 1914, algumas fábricas com milhares de operários, nomeadamente nos têxteis e na metalurgia.

O governo czarista contraía pesados empréstimos, sobretudo à banca de Paris, agravando a subordinação do País e do capitalismo nacional ao capitalismo internacional.

Num resumo, a Rússia era, a meio da segunda década do século XX, umas “ilhotas” de indústria num imenso “mar” de campesinato.

4.1. Uma classe operária?

Assim se criou na Rússia uma desproporcionada (se é que há escalas de proporção...) classe operária, fraca em quantidade (talvez 3 milhões de operários em menos de 20 milhões de assalariados) mas de força social considerável. A estes operários juntava-se uma mão-de-obra flutuante de camponeses-operários.

Na Rússia de 1914 – esta repetida referência temporal tem a ver com a disponibilidade de dados estatísticos e com o começo da guerra –, existiam operários concentrados, e em condições de poderem intervir como classe operária e de dirigirem transformações sócio-políticas. Além de serem muito mal pagos...

4.2. Greves e agitação

Foi na sequência das lutas de 1905 que apareceram os primeiros sindicatos. Legais. Embora 1905 tivesse sido já antecedido de agitação social e de greves significativas.

Por alturas de 1914, além de enormes disparidades regionais (Kiev tinha médias salariais anuais inferiores em um terço às de S. Petersburgo), aumentos salariais nos 1% e aumentos de preços acima dos 6%, reflectindo-se numa situação em contínua degradação dos assalariados.

A criação e actividade dos sindicatos era estreitamente controlada. Entre 1906 e 1910, quase 600 sindicatos foram dissolvidos e outros tantos não foram autorizados a constituir-se.

O que não impediu, e até teria suscitado, importante movimentação operária e muitas greves, retomando movimento anterior a 1905.

Como elemento significativo, o que se poderia chamar classe média russa proletarizava-se com a evolução da situação sócio-económica, com a industrialização e o grande decréscimo da actividade artesanal e do pequeno comércio.

4.3. Guerra de 1914, “Pão” e “Paz”

Neste quadro de passagem de uma transformação democrática burguesa, com fachada parlamentar, para o emergir de condições de uma revolução operária e socialista, na sequência do que fora a evolução do século XIX, a guerra de 1914, poucos anos depois da derrota na guerra com o Japão, veio potenciar muitas situações.

A repressão endurecera, com execuções, prisões e deportações de dirigentes.

Uma população de quase 80% de analfabetos – perto de 90% nas mulheres – contrastava com o fausto e uma fachada de esplendor cultural, com alguns intelectuais de grande nível, com o aparecimento de escolas para formação, respondendo a necessidades do surto industrial.

A situação social e o começo da guerra transformaram a oposição ao czar e ao poder absoluto, centralizado, numa luta pelo Pão e pela Paz.

5.1. O(s) período(s) de “duplo poder”

A especificidade da situação russa encontrava-se na dimensão do País e nas suas enormes contradições.

A organização do Estado, um czarismo com parlamento, estava completamente desadaptado às novas condições económicas, derivadas de um desenvolvimento do capitalismo industrial no contexto de um imperialismo que Lenine estudava e sobre o qual teorizava para uma prática coerente e consistente.

De um “duplo poder” inviável, czar e Duma, passou-se, por saltos qualitativos, pela convergência de dinâmicas e movimentos polarizadores de operários explorados, camponeses desaposados de terra e miseráveis, e burgueses inquietos, para um outro “duplo poder”.

5.2. As questões prioritárias: *guerra e reforma agrária*

Se outro fosse o tema, ou se outra fosse a abordagem deste, deter-me-ia, agora, nas concepções e nas práticas no terreno, do Partido Social-Democrático ao Partido Comunista, das várias correntes, de e entre e intra mencheviques e bolcheviques, de toda essa riquíssima panóplia de situações em que os homens, sendo feitos pela História, faziam História. Como sempre fazem... mas esta com um H enorme.

A revolução de Fevereiro de 1917, numa situação económica e social quase de tragédia, após as grandes greves de Outubro de 1916, com quase 200 mil

grevistas em toda a Rússia, greves retomadas com mais força em Janeiro, com um milhão de desertores, não poderia ficar-se por um golpe palaciano em que nada verdadeiramente mudasse, apesar dos esforços do exterior para que assim fosse, particularmente a partir da Grã-Bretanha e da França.

O primeiro “duplo poder” teria sido o do soviete de Petrogrado de maioria menchevique, apoiado pelas massas e poderoso militarmente, e o do governo provisório que continuava a guerra e se instituía como sendo de “salvação nacional”, deposto o czar e os seus ministros.

Mas, assim, de certo modo se escamoteavam as duas questões fulcrais:

a da **guerra** e a da **reforma agrária**.

5.3. Da guerra imperialista à guerra civil e o apoio do campesinato

Paz e Pão!

O “duplo poder” tomou, então, uma outra configuração. O do equilíbrio entre o que constituía o anterior “duplo poder – mencheviques e perspectiva de república parlamentar, e governo provisório – e o que se reflecte nas *Teses de Abril*, de Lenine, lançando as bases da transformação da guerra imperialista em guerra civil, da confiscação e nacionalização das terras, do estímulo e controlo da produção pelos sovietes, para a criação de um grande banco nacional, propondo a mudança de nome do partido para comunista.

Teses que foram aprovadas. Com muitas reticências e oposições mas que a dinâmica revolucionária, de massas - operários, soldados, camponeses –, levou à concretização.

6.1. O começo do “*século soviético*” e “o monstro no berço” (Churchill)

Com a vitória da revolução, é muito significativo que o primeiro decreto do “**século soviético**”, de 8 de Novembro, assinado por Lenine, tenha sido o do fim unilateral da guerra imperialista e da definição de um conceito essencial de todo o caminho para o socialismo e o comunismo, o da **coexistência pacífica**.

No entanto, se a transformação da guerra imperialista em guerra civil completava indissolúvelmente essa definição conceptual, o imperialismo – que Lenine tão bem estudara – não iria baixar armas. E acompanhou, ingerindo-se, todo o processo entre Fevereiro e Novembro de 1917. O embaixador da Grã-Bretanha, por exemplo, pediu – ou aconselhou, ou ordenou – que o governo provisório restabelecesse a pena de morte nas Forças Armadas, desarmasse os operários, tomasse medidas contra os regimentos revolucionários.

E assim que a revolução estava vitoriosa, um jovem deputado conservador inglês, chamado Winston Churchill, num discurso tonitruante na Câmara dos Comuns, afirmou ser urgente “matar o monstro no berço”.

6.2. Fim da guerra civil (feita com apoios exteriores)

Se o “século soviético” começou em 1917, esse ano representa uma referência cronológica relativamente ao materialismo histórico. Com a necessária adaptação das relações sociais à evolução das forças produtivas, na base económica.

Momento histórico de rupturas, ou de adaptações indispensáveis, como o reflectem as “aparições” de Fátima, que de 1917 se datam, e as aparições – estas sem estarem entre aspas – dos fascismos e nazismo.

Mas o “século soviético”, então iniciado, teve de começar por vencer a guerra civil, os atentados e o terrorismo. E só em 1922 se pode dizer que a vitória da revolução russa é uma realidade.

Depois de quatro milhões de mortos na guerra de 14-18, de um milhão de mortos na guerra civil, de oito milhões de mortos em consequência da fome e de epidemias. E, sublinhe-se, no começo de um caminho de humanização da sociedade em que a **Paz** e o **Pão**, em toda a sua simbologia, são as premissas intrínsecas e fundadoras.

6.3. Bloqueio e agressões – 1922-1945

Pode, então, falar-se de União Soviética. Porque o monstro não foi abafado no berço. O que não quer dizer que não se tivesse continuado a procurar que a criança não crescesse. E as respostas ao momento histórico de ruptura não faltaram!

Os fascismos e o nazismo tinham uma marca de classe, da classe em luta para sobreviver e fazer frente à outra classe que nascia como Estado Proletário.

A crise de 1929-33 foi mais assustadora porque a União Soviética sobrevivera e aparecia como alternativa e não como utopia, e era preciso fazer-lhe frente. A Itália em 1922, Portugal em 26, e depois 35, a Alemanha em 1933, o desesperado combate à República em Espanha com a fratricida guerra civil em 1936, com os fascismos e o nazismo a tomarem clara posição de ingerência e a Frente Popular em França a “assobiar para o lado”.

E a 2ª guerra mundial, em que a “contabilidade” (entre aspas) somou, na URSS, 20 milhões de mortos aos 13 milhões de 1914 a 1922. Além da destruição de um aparelho produtivo em construção nos poucos anos decorridos após o termo da guerra civil.

7.1. As transformações económicas e as conquistas sociais

Para a vitória na guerra civil terão contribuído duas circunstâncias convergentes, e que apenas se apontam em termos muito simplificados: 1º, sendo tantos os inimigos, do exterior e do interior, tantos os interesses individuais, egoístas, entre si rivalizavam, incapazes de uma frente comum; 2º, a unidade dos revolucionários assentava em alianças para um futuro diferente, humano, e fórmulas que podem parecer simplistas como a da unidade dos operários com os

camponeses teve uma expressão real num Exército Vermelho,

Em 1921-22, o reconhecimento diplomático de que os soviéticos exerciam no seu território uma autoridade tão completa como qualquer outro governo (Lloyd George, 1º ministro britânico) foi prova de que a Revolução triunfara.

No entanto, a situação económica era terrível e as consequências sociais verdadeiramente dramáticas. Mas de luta e de esperança. Os vencedores, o povo e os dirigentes soviéticos herdaram uma Rússia que, de atrasada, recuara séculos. Com campos devastados, fábricas destruídas, transportes paralisados, um povo analfabeto dizimado por fomes e epidemias. Rodeado por um mundo que continuava hostil, apesar de ter de reconhecer os vencedores.

Num mero confronto, com grande significado para o futuro, os Estados Unidos estavam fazendo o seu caminho de crescimento económico partindo do zero e não do negativo, e cada vez mais negativo como na URSS, e sem terem os custos de bloqueios e hostilidade aberta.

O novo período da história da URSS, e melhor se diria o começo da história da União Soviética, é o da Nova Política Económica (NEP). Como Lenine definiu, liminarmente: “as nossas principais forças produtivas estão em tal estado de indigência, ruína, exterminação e esgotamento, que tudo deve ser por ora subordinado a esta necessidade vital: **umentar a todo o preço a quantidade dos nossos produtos**”. E tudo se

submeteu ao objectivo de criar as condições para o desenvolvimento das forças produtivas.

Estavam **sós** e cercados! Construindo o socialismo num único país. E só o poderiam fazer porque esse País era, ou tinha sido, um império, um enorme povo, capaz de vencer uma guerra civil apoiada do exterior, e de se bastar a si próprio. De resistir ao cerco.

E sendo exemplo.

Exemplo, sobretudo, pelas conquistas sociais que se foram conseguindo juntar a essa tarefa primordial do crescimento quantitativo das forças produtivas. A começar pela alfabetização. Porque, como a ligação às massas, a tomada de consciência de classe é decisiva. Como o é, e viria a ser, a sua ausência ou menosprezo. Desenvolver o ensino liquidando o analfabetismo, aproveitar os recursos naturais de um imenso território, construir uma indústria pesada, assegurar o triunfo do socialismo nos campos pela colectivização dos campos e sua cooperativização. **“O poder dos soviets e a electricidade”**.

Também a necessidade de recorrer a técnicos e especialistas russos e estrangeiros, de fazer concessões a capitalistas do exterior. Para o que só havia um antídoto compensatório: o firme controlo das alavancas do poder político e a **vigilância revolucionária**. O que Lenine chamava a **democracia proletária**.

E se houve imediatos progressos económicos, só cinco anos depois, em 1927, com o capitalismo a abeirar-se da sua crise mais grave, se teriam atingido os indicadores produtivos de década e meia antes.

Muitos são os problemas, apaixonante seria a sua discussão – como tem sido e será – mas o tempo corre e o que têm sido apenas tópicos para reflexão mais breves terão de ser.

Não sem antes, a propósito do que o tema me obriga, me detenha um pouco nas conquistas sociais.

Se a primeira conquista social tem de resultar da luta pelo **Pão**, contra a fome e as doenças, configurando o direito à vida, que também tem a ver – e tanto tem! – com a luta pela **Paz**, para tal ser possível é também indispensável consagrar o direito ao conhecimento, não apenas instrumentalmente, a começar pela alfabetização. No novo Estado socialista os direitos são, antes de todos, o direito à vida, à saúde, à educação, ao trabalho. E essas foram conquistas sociais intrínsecas à natureza do socialismo, a partir da luta contra a exploração do homem pelo homem, na humanização das relações sociais de produção.

7.2. A guerra de 1939-45

A 2ª guerra mundial veio representar mais um enorme óbice ao caminho da União Soviética, na sua transformação económica e na consolidação das conquistas sociais. Quem não lembrar que o nazifascismo é uma resposta do capitalismo ao ascenso do socialismo, que se firma onde os interesses privados e egoístas são ameaçados, terá dificuldades em avaliar os efeitos devastadores dessa guerra na União Soviética. Sob todos os aspectos. Pode dizer-se que apenas entre 1922 e 1939 pôde a URSS tentar

recuperar a sua economia destruída e firmar as conquistas sociais, e sempre com um cerco muito apertado, um garrote, um “cordão sanitário”.

As mortes e as destruições da guerra foram devastadoras e só um povo unido e disposto a sacrificar-se pelo seu futuro e da humanidade poderia ter vencido.

7.3. A vitória dos “aliados”

Por tanta ser a barbárie, a vitória foi de uns “aliados” historicamente ocasionais e que, mesmo durante a aliança não perdiam de vista que o inimigo (de classe) era quem vencia a guerra que não podia vencer...

Episódios como os da libertação da Alemanha do nazismo, a “corrida” para chegar primeiro a Dresden, ou destruí-la antes que o Exército Vermelho lá chegasse, as decisões sobre Berlim, são históricas e mal-contada na História. De classe.

8.1. Um sistema, a “guerra-fria” e a competição entre sistemas

No pós-guerra, o movimento operário alastrou. Os trabalhadores sentiram a vitória como sua e, espaldados pelo exemplo da União Soviética, lançaram-se... à conquista da Lua. Tomaram o poder nalguns países, impuseram condições sociais novas em outros países onde as relações sociais continuavam capitalistas mas em que a relação de forças obrigava a concessões.

As criminosas bombas atômicas tiveram a resposta-surpresa de não serem monopólio, obrigando a recuar para uma guerra-fria, hipócrita e, por vezes, terrorista. E o agora “mundo socialista” de novo se teve de lançar na tarefa de reconstrução da base económica, de recuperação das forças de produção devastadas, e em competição económica feroz e desigual.

8.2. Uma economia não capitalista ou...

Nos anos 50 e 60 os impérios formados no final do século XIX, desmoronaram-se, politicamente, nalguns casos mantendo fortes laços de dependência económica. As colónias independentes, nascidas das lutas dos movimentos de autodeterminação e libertação, procuravam, com o apoio dos países socialistas, libertar-se economicamente e fugir à crescente assimétrica interdependência.

Além da guerra-fria entre os dois sistemas, havia também os novos países independentes, o movimento dos não-alinhados, os produtores de matérias-primas. No GATT, e suas rondas, não raro uma frente não-capitalista opunha-se ao sistema ainda predominante.

8.3. A paz como necessidade do socialismo e a militarização como necessidade do capitalismo

A questão da Paz continuava a ser, como desde a revolução russa, primordial. À paz como necessidade do socialismo e, na escalada demencial de forças destrutivas, da própria humanidade, contrapunha-se,

para além da guerra-fria, uma militarização da economia como necessidade do capitalismo.

As décadas do pós-guerra foram de caminhos de conquistas sociais, de grande crescimento económico nos países socialistas, particularmente da URSS, do emergir de novas economias, algumas – e relevantes mundialmente – procurando vias não-capitalistas.

9.1. As conquistas sociais e os direitos políticos

As conquistas sociais na União Soviética, apesar da triagem censória da informação, estimulavam a luta nos outros países. A questão dos direitos humanos não excluía, bem pelo contrário, os direitos sociais, a começar pelos que eram a recusa da exploração, do tratamento dos trabalhadores como meros depositários da mercadoria força do trabalho.

A democracia e os direitos não se confinavam ao voto periódico e à eleição de representantes de entre uma “classe” política. A democracia **participativa** e, mais, a “**democracia proletária**”, incluindo direitos ditos humanos para dentro das portas das fábricas e das empresas, não eram palavras sem sentido.

9.2. As “reformas” económicas (Liberman)

Depois do XXº congresso do PCUS, no fim dos anos 50, e da expansão do socialismo, nas novas condições da luta de classes, a passagem da fase quantitativa para a qualitativa, através de reformas económicas, pareciam criadas as condições para a competição entre os sistemas em coexistência pacífica.

No novo contexto internacional (numa NOEI), no começo dos anos 70, com o CME em crise estrutural, de sobreprodução, e instrumental, monetária e energética, os horizontes pareciam alargados.

9.3. A segurança e a cooperação europeias

A coexistência pacífica, retomando o decreto nº 1, através da segurança e cooperação europeias, seria a forma de substituir a guerra-fria, de consolidar o *statu-quo* internacional e de, neste, se concretizarem lutas decisivas.

Mas estava-se, como sempre se esteve porque se está na História, em luta de classes...

10.1. As duas “super-potências” económicas e a(s) crise(s) do capitalismo

Não vou entrar em outras reflexões para que este percurso me convidaria.

Apenas sublinho o facto, que julgo incontroverso de que, no final dos anos 70 do século XX, havia, em terminologia que se tolera, duas super-potências, uma que fizera um percurso desde a Idade Média, com guerras, fomes, bloqueios e agressões, outra que tivera esse caminho atapatado. Esta em crise estrutural, no final de anos de crescimento, “de ouro” mas precário, aquela em expansão, mantendo posições na América Latina, podendo alargar-se a África, ultrapassar diferendos com China, com dinâmicas de convergência com países pletóricos de recursos.

10.2. Sempre, a História a luta de classes e o seu esquecimento (de um lado)

Mas, se a História é a luta de classes, um dos lados não o esqueceu e o outro parece ter-se distraído, empolgado numa competição que também tinha o seu quê de imitação. A imagem de uma corrida em que um competidor quer alcançar e ultrapassar o outro tem a premissa errada de que a corrida é a mesma, na mesma pista, com os mesmos equipamentos, as mesmas regras (aliás fixadas por um dos competidores), e um cumprindo essas regras, que o outro, que as fixou, não hesita em desrespeitar.

10.3. O monetarismo, o neo-liberalismo, os anos 80, “mais democracia, mais socialismo” (que democracia? que socialismo?) ou “mais mercado, menos socialismo”

Nos anos 80, colocadas as peças no tabuleiro no final dos anos 70, o capitalismo enveredou pelo monetarismo, pelo neo-liberalismo, pela progressiva financeirização da economia, pelo ataque às conquistas sociais que impediam a mercadorização da força de trabalho, pela utilização estratégica do desemprego, pelas privatizações, por retirar funções de regulação ao Estado, pelo estreitar e desmantelar de áreas da actividade social não mercantis e não lucrativas – serviços públicos, direitos como saúde, educação, transportes, comunicações.

Foram, para os países socialistas, particularmente para a URSS, anos de insistir num trilho em que se reviam no espelho da outra classe, aceitavam competições

espúrias, se afastavam das massas, defendiam mais democracia e mais socialismo, sem se definir que socialismo e que democracia, quando na prática se caminhava para mais mercado e menos socialismo.

11.1. O séc.xx, *o século soviético*

Estes tópicos – e só isso o são – não podem diminuir a justeza de chamar ao século XX “**o século soviético**”. Nos 70 anos da União Soviética, com 10 anos de guerra, com mais de meio século de cerco, de agressões, de guerra-fria, o mundo avançou para um futuro mais humano. Por um caminho duríssimo, minado, com o sacrifício heróico de um povo que da fome se alcandorou à conquista do espaço, sem exploradores nem explorados.

O que foi conquistado pelo povo soviético extravasou, não como está em interpretações dos clássicos, para o resto do mundo e foi exemplo e estímulo para outras batalhas, muitas delas ganhas, algumas de forma irreversível.

Como irreversível é o facto de que, depois de 1917, o mundo se transformou e não voltará a situações que, sem ter existido a União Soviética, seriam possíveis, por mais desumanas que fossem.

11.2. O que querem os homens? ausência de discriminação e tempo livre

Vou terminar. Com duas perguntas. Que ficam como mais dois novos tópicos para reflexão. Se não de mais ninguém, minha.

Primeira: o que querem os homens e as mulheres?

Diria que, com base em relações sociais que não sejam de exploração, querem ausência de discriminação, a começar pela que existe entre homem e mulher. Citando Marx, numa carta a Kugelmen que, há 140 anos, escrevia com talvez inesperado humor: “*O progresso social mede-se pela posição social do belo sexo (incluindo as feias...)*”.

(Mas sobre esta questão não direi mais nada porque há quem tenha sido convidada para o fazer e o fará muito melhor que eu.)

Diria ainda que os homens e as mulheres querem **tempo livre**, seu!, libertos dos conditionalismos do meio que integram e das tarefas para que as necessidades sociais sejam satisfeitas. Por isso, as questões do tempo de trabalho social, em capitalismo como no comunismo (quando) são fulcrais.

11.3. Que nome terá o séc.xxi?

Segunda (e última!) pergunta: se o século XX, queiram ou não os que assim não o entendam, foi o “século soviético”, que nome terá o século XXI?

Também dependerá um pouco, infinitesimalmente, de cada um de nós.

*Para 14.05.2008
Conferência promovida pela Associação Iúri Gagárin
www.associacaoogagarin.pt*